

AÇÃO DIRETA

QUINZENÁRIO ANARQUISTA

PREÇO Cr\$ 0,50

Diretor: JOSÉ OITICICA

A mentira é ter medo da verdade e querer abafá-la. Quando tiverdes mil vezes razão contra um erro sincero e recorrerdes à força para esmagá-lo, cometereis o mais odioso dos crimes contra a própria razão. — Romain Rolland

ANO II

Rio de Janeiro — Domingo, 8 de junho de 1947

N.º 36

BRASAS NA CABEÇA

A Igreja Católica está vencendo em toda a linha. O exemplo de Itália estupefaz os ingênuos, mas é claro, claríssimo, para quantos, desde muito, se tem habituado à clarividência nos subterrâneos onde o capitalismo urde suas tramas exploradoras.

O ministro de Gasperi acaba de organizar um ministério quase totalmente de serviços do Vaticano. Foram absolutamente escorregados socialistas de várias espécies e comunistas da espécie única, a stalinista.

Em nosso editorial do número anterior, salientamos o desaso de Stálin isolando calamitosamente a Rússia com essa sistemática oposição ao mais poderoso grêmio de capitalistas: os Estados Unidos.

O novo ministério é um passo dado na liquidação do partido soviético em todo o mundo, uma volta rija no arrocho do garrote com que a Rússia vai ser estrangulada.

A Rússia precisava de um desafogo para sua produção agrícola e industrial. A saída era o Mediterrâneo. Sua política de após guerra seria a de consolidar rapidamente a paz, estender sua navegação terra afora e travar, então, na lide comercial, suas batalhas imperialistas ou meramente mercantis. Longe disso, ainda profundamente vulnerada pela guerra, nada refreia de tremendas perdas e excessivos gastos, arvorou-se em vai ou-racha, obstinando-se em guerrear norte-americanos e ingleses, desencadeando insensata e contraproducente campanha desmoralizadora, ao passo que, nos vários países de Europa e América, conclama os partidos maiores à união democrática.

E' de ver, então, como atingiu o partido comunista as raias da mais sórdida sabugice. Os pontapés que vai levando não o ensinam a reprimir seu propósito de lambear as botas a quantos políticos sujos dispõem de força eleitoral.

Tudo isso na ingênua suposição de que, dizendo-se partido da massa, partido dos trabalhadores, em pouco tempo seria partido dominante e, com tal domínio, operaria uma revolução política de caráter bolchevista.

Nada impediria aos demais partidos tolerar essa quimera stalinista, certos de que, na arena política, todos os galos são crias do terreiro.

Sucedem, porém, que as fumaças russas na ONU e seus arreganhos locais na imprensa comunista de cada país irritaram a sensibilidade americana. A espionagem da bomba atômica, confirmada no inquérito canadense, levou esses arreganhos a perigo e a América do Norte previne-se para quaisquer futuras surpresas.

Previne-se liquidando logo (é uma das medidas) a organização política do partido comunista, sua participação no poder público, sua permanência em cargos importantes.

A execução disso é facilitada. Os países europeus precisam do auxílio americano como o deserto precisa de água. Não foi outro o fim de Gasperi na sua viagem à América. Empresta-se quanto dinheiro queiram, com uma condição: alijar os comunistas do poder, ou melhor, anular-lhes a influência sem piedade.

Qualquer organizador de governo na Itália tem, pois, de contar com o barão ao pescoço.

Se rejeitamos a condição americana, o barão corre e somos estrangulados. Ora, os tubarões italianos, os grandes industriais do aço, opulentados com a guerra, querem, ao contrário, safar dos seus ilustres pescoços a corda ameaçadora. Comunistas e socialistas, esses, poderiam vir com palavras novas de socialização, de Estado senhor de tudo, e isso não quadra bem aos argentários. Quadra-lhes muito melhor a Igreja Católica, amávelíssima dos ricos, da propriedade particular, dos monarcas absolutos, da ordem policial, do temor a Deus e ao Diabo, pregadora da obediência aos chefes, representantes terrenos da divindade, e mais conversas moles de opiar o povo.

E assim, todos eles, se condensaram no partido democristão e igaram de Gasperi, fiel servidor do papa, à frente do governo.

Socialistas e comunistas, estes sobretudo, uniram-se torpemente aos católicos, com salameleques indignos e inomináveis baixezas, culminadas com o voto de aprovação, na Assembléia Constituinte, do tratado de Latrão, tratado segundo o qual, o déspota Mussolini, de execranda memória, defraudando o patrimônio italiano e o tesouro de seu país, entregou à Igreja consideráveis bens, dinheiro sonante, e o reconhecimento dessa antiliberal e antidemocrática instituição como aliada religiosa do Estado.

Ora, a imperialista América do Norte, na sua luta preliminar

Guilda de amigos del libro

O grupo anárquico *Idea Libre* de Toulouse (França) instituiu essa *Guilda*, editora de obras sobre anarquismo. O primeiro volume, já impresso, é o de Max Nettlau, célebre historiador do movimento anárquico no século XIX e XX.

O volume intitula-se: *Socialismo autoritário y socialismo libertario*. Eis o índice: *Prólogo* *Raiz de las ideas de Marx y Engels, y raiz de las ideas de Proudhon y Bakunin. Es posible la convivencia entre socialistas autoritarios y socialistas libertarios? El Nacionalismo económico y la Internacional de la solidaridad humana. La necesidad del momento actual y la renovación de las actividades progresivas. La presión económica y la lucha por la libertad. El reino fatal de la abstracción, una de las fuentes de la autoridad. La Misión de la Anarquía y de los anarquistas contemporáneos.*

Além dessa obra, está-se imprimindo uma de Germain Espleas, intitulada: *Anarco-Sindicalismo; la Confederación Nacional del Trabajo y el Movimiento Libertario español; historia, ideología, tácticas.*

Seguir-se-á um livro do dr. Fritz Brupbacher sobre *Marx y Bakunin*, trabalho alentado, cuja publicação exige grande capital.

O delegado da *Guilda* para o Brasil é o companheiro Manuel Perez. Os pedidos de reservas de exemplares podem ser enviados a *Ação Direta*, Buenos Aires, 147 A.

com a imperialista Rússia, tem de procurar quantos pontos de apoio se lhe dêem. Na Itália, seu ponto de apoio é incontestavelmente a Igreja Católica, inimiga de toda liberdade e que socialistas e comunistas, em vez de atacarem desapiadadamente desde o princípio, acusando-a de cúmplice número um do fascismo, adularam, pouparam, prestigiaram sandiamente.

A Igreja, essa, não os amimou nunca. Eles, portanto, não se podem queixar dela. Queixam-se da própria inépcia sesquipedal.

O governo italiano, como o francês, como o brasileiro, como os demais, irão entrar na fila dos arrasadores do comunismo fora da Rússia, fase preparatória para a destruição do bolchevismo russo.

Cingindo-nos à Itália, a vitória decisiva do partido clerical abre-nos nova perspectiva para o futuro.

Só há na Itália uma força viva anti-clerical, o anarquismo. Após o quarto de século fascista, ele renasce vigoroso, com mais apuradas vistas, mais solidificado credo, totalmente depurado, como o indicam os congressos de Carrara e Bolonha, conceitos trans-

gentes cuja nocividade ficou patente.

As duas forças, capitalismo-clerico versus anarquistas, vão defrontar-se. Comunistas e socialistas, suponho nos, embora bateboqueiem muito agora, ou ficarão neutros, ou se passarão para o Vaticano com armas e bagagens. Uma cousa há certíssima: não se farão anarquistas. Servirão, talvez, como sempre, de adversários sistemáticos nossos, procurando desfazer nossa obra, desvirtuar nossas iniciativas, caluniar-nos sem remorso. Trabalharão assim, como estão trabalhando, pela causa da Igreja que os vai esbofeteando à grande.

Temos de arcar, nós anarquistas mais uma vez sozinhos, com a refrega desapiedada. A Igreja há de fazer tudo para instaurar na Itália, sem mais demora, o mesmo regime de Franco na Espanha. Neste país, todas as notícias mostram que ela serra de cima. E' dona absoluta de tudo como nos ominosos tempos de Primo de Rivera e Zamora.

Sabemos disso; mas, como na Espanha, reagiremos na altura. Se a luta aberta for impossível, passaremos à clandestinidade.

Assim morrem nossos homens

Do Comitê Nacional do MOVIMENTO LIBERTÁRIO ESPANHOL — C. N. T. em França, recebemos o seguinte comunicado:

Amador Franco e Antonio López foram à Espanha por imperativos de consciência, por impulso ideal, para cumprir a missão que a Organização lhes confiara. Cumpriram-na como dignos. Sua obra dá e dará resultados. Em Irun, há cousa de um ano, arrostaram ambos, durante toda a manhã, defendendo-se bravamente, todos os sicários que os acossavam. Esgotado o último cartucho, foram presos.

Os mártires que lhes infligiram são inenarráveis. Suportaram-nos com estoicismo, com exemplar inteireza, sem dar uma palavra, assombrando os próprios verdugos.

A imprensa franquista não falou no assassinio. Nem citou os nomes. As chancelarias internacionais também não se inteiraram disso.

A correspondência do Interior dá-nos as seguintes informações: Morreram como homens íntegros.

Sábado, 19 de abril, comunicaram-lhes a pena de morte.

No dia 20, ofereceram-lhes uma extraordinária impostura que desprezaram dignamente. Apresentou-se-lhes um cura para confessá-los. Negaram-se afirmando suas convicções livres.

Um tenente coronel e a polícia armada negaram-se a fuzilá-los. Por isso foram todos encarcerados.

Segunda-feira, 21, às 4 da madrugada, foram levados a *Pasaies*, lugar onde desde muito não se fuzila, lugar onde se consumasse esconsamente o assassinio sem que a opinião pública pudesse manifestar-se.

Quiseram vender-lhes os olhos. Não o permitiram. E, fitando de frente seus assassinos, com desprezo aos tiranos que os mandaram executar, de pé, caíram heroicamente, gritando:

— Viva a Anarquia! Viva a Confederação Nacional do Trabalho!

Caíram como os mártires de Chicago em 1887; como os homens do M. L. E. que não renegam seu ideal e que mostram, com o exemplo, o de que são capazes!

A campanha internacional em seu favor não conseguiu salvá-los. Franco e seus esbirros reptam o mundo e o Movimento Libertário Espanhol. A resposta não se dará com palavras; dar-se-á com a ação quotidiana.

A dor da família libertária do mundo é intensa com a perda desses companheiros e dos que diariamente tombam.

Esse sacrifício não será estéril.

Luta de morte contra Franco e a Falange, contra o fascismo internacional, sem nenhuma claudicação, sem nenhuma renúncia à realização do nosso Ideal!

O M. L. E.-C. N. T. em França, o Movimento Libertário Espanhol, sem palavras, demonstrará a contundência de sua ação.

Pelo Comitê Nacional do M. L. E. - C. N. T. em França

O SECRETARIADO

Toulouse, 2 de Maio de 1947.

EL VELLOCINO TOTALITARIO

ANGEL SAMBLANCAT

Especial para Ação Direta

Son puras papas el cuento ese de que el totalitarismo haya sido noqueado o puesto de morros en tierra, en la última conflagración, que está flagrando todavía. Lo cierto es que la plutocracia anglosajona ha roto los riñones y descosido la bolsa al canibalismo axial, que aquella financiación oportunamente, para avasallar a los insurgentes de España, los Balcanes y la Mittel Europa y a los inquietos hormigueros amarillos de China y la India.

Que nos claven en la contratapa también la rica especie de que los regímenes políticos se dividen en autocráticos o totototales y en democráticos o semitotales. Todos los Estados son totototales o totalitarios, porque no son más que la expresión gráfica y fónica del absolutismo absolutamente absoluto del dinero.

Tampoco es más que el sueño de una noche de verano en Yucatán, entre ríos de sudor y nubes de mosquitos, la afirmación de que América es el continente de la democracia, y los Estados Unidos el país en que la fórmula de "gobierno del pueblo por el pueblo" ha cuajado de modo más macizo.

En ninguna parte, el gobierno lo ha conferido nunca otra pandilla que la de los convidados al fideio del presupuesto. Han de nacer todavía el individuo y la masa, que sean tan de concreto, que quieran que nadie los ensille y los jinetee.

Lo que anhelan cuantos no sacan pizcas de ajenas ollas, es subir a la linterna hasta al último candidato a desvalijador público con careta de gobernante; o botarlo al agua con una rueda de gruyère, de tres quintales de peso bruto, suspensa a la nuez del cuello.

Tan inconforable es que nadie ha recibido en la tierra el mandato divino de hacer de nuestras espaldas su silla, que lo primero que procura un calzonudo de pistola y de dos pares de bolas, es agenciarse una partida de compadres que le guarden el corral siempre amenazado de alisamento y dinamitación por las santas iras populares.

No papemos más higos pochos, pues. Y repitamos cuantas veces haga falta lo que la conciencia libre está harta de radiar a los cuatro vientos y de musicar en todos los diapasones, desde la charada de la manzana en el Paraíso. Solo hay un gobierno lógico y no fantasmal: el de los búfalos. Ese pleno poder y derecho de perrada o de vida y muerte sobre la población virtuosa y productora, los ejerce el gangsterismo capitalista en todas sus manifestaciones.

Parlamentos, Ministerios, Tribunales, partidos aunque sean del proletariado, cuerpo serrano electoral y otros equipos y mafias de raza matona, no son más que comparsas de ópera y fantechos de guñola.

La acción de los "peques" contra el "libertarismo" de la iniquidad, tiene en consecuencia bien demarcado el camino. No hay que boxear para nada y darse de trompis con porristas de macana y de asador, por supuesto mientras no haya forma de oponerles una responsiva armera de cierta seriedad.

El desintrincamiento del intrínquilis, entre tanto, es mucho más trivial. Puesto que son nuestros brazos los que inflacionan al pulpo que nos desplata, no hay más que dejarlos caer desmayados. No "haiga" miedo de que el hambre nos doble, dibujando un gesto de tal majestad. Los almacenes revientan de vituallas. Y quien faleza de ganas de comer, será por sport. Un marasmo de la máquina de acuñar tostones, sólo puede producir por inanición el "Requiescat in pace" de los que nos engañan desde Adán, dándonos por nuestras gallinas abalorios de colorines y pedacitos de reluciente metal, como la pira extremaña de Pizarro y Cortés a los indios de tanta prepucia de Vespucia.

México City

NOTA. — O companheiro Angel Samblancat é talvez o mais estilista dos escritores libertários, conciso, requintado, original, criador de termos, qual novo Rebelais, pitoresco nas expressões infladas de gíria e alusões de toda casta. Por isso, difícilmente é traduzido sem lhe tirar o sabor próprio. Eis porque AÇÃO DIRETA publica o original espanhol e põe-lhe uma tradução, tanto quanto possível adequada em vigor e requinte, para que o leitor brasileiro possa, assim ajudado, inteirar-se melhor da arte um tanto reversa desse interessantíssimo escritor.

Fatos do paraíso soviético

Intitula-se assim a seguinte resenha assinada por F. e que traduzimos de Volontá, excelente revista dos companheiros de Nápoles. São documentos tirados de um quotidiano russo.

1. — De Trud de 7 de agosto de 1946.

O jornal publica outro relatório sobre as condições da área mineira de Krasny Luch, na bacia do Don, onde as condições dos trabalhadores constituem um estado de coisas vergonhoso, prosseguindo a campanha, faz algumas semanas, calcada em elementos contidos nos protestos dos mesmos trabalhadores.

Uma carta de 5 mineiros da mina N. 8 de Konstantinova revela condições análogas às já assinaladas por outros em outras minas. «De janeiro a junho não recebemos nenhum pagamento. Em janeiro, fevereiro e março tivemos nossas rações de carne, peixe, açúcar, gordura; mas, agora, dizem que as quotas dos cupões respectivos diminuíram e já não podemos tê-las. Nestes últimos cinco ou seis meses, nem sequer tivemos nosso carvão. A junta do nosso sindicato é inativa. Quando alguns mineiros começaram a exigir pagamento de salários, o diretor Mustchenko os licenciou». Então o Sindicato dos mineiros de uma cidade vizinha, Shakhty, prometeu ajudá-los; mas, na realidade, nada se fez.

O correspondente do jornal confirma a verdade de quanto afirmam os mineiros. Verificou ter o precedente diretor, Prokumov, reduzido as coisas a tal estado com sua má direção que não havia com que pagar os operários. Refere que aos mineiros nem sequer se dizia com que salário trabalhavam. Não se pagavam os subsídios de doença. Todos os regulamentos sobre segurança do trabalho «são aqui violados». As condições de trabalho na mina 21 eram «intoleravelmente más: toma-se banho numa grota e falta o material necessário... «Os trabalhadores não têm a menor assistência médica».

«O enforamento de pão é pesadamente organizado». Finalmente

(Continua na 4ª pag.)

A MÃO DE STÁLIN NA ESPANHA

de W. G. Krivitsky

(ex-general do exército russo)

Naturalmente o Comintern empreendeu virulenta campanha contra Franco, organizando em todos os países grandes comícios de propaganda e arrecadando fundos para Madrid. A União Soviética enviou centenas de comunistas estrangeiros que, expulsos de seus respectivos países viviam na Rússia como refugiados.

Para alguns antigos líderes do Comintern que permaneciam fiéis ao postulado da revolução mundial, significava a luta na Espanha um raio de esperança; mas, esses antigos revolucionários supervenientes da primeira depuração sangrenta do processo Kameiev — Zinoviev eram uns quantos timoratos. Todo o seu palavreado não produziu munições nem tanques, nem aviões, nem nenhum dos elementos de guerra que Madrid pedia aos gritos e que as potências fascistas ministravam a Franco.

As confidências conseguidas sobre o auxílio militar da Itália e Alemanha a Franco e os angustiosos pedidos dos chefes revolucionários (?) espanhóis clamando auxílio ao estrangeiro não tiveram resposta alguma do Kremlin. A guerra civil espanhola convertera-se em vasta conflagração e, ainda assim, Stálin permanencia calado e imóvel.

Por toda a Europa e América, comunistas e seus simpatizantes perguntavam porque nada fazia a União Soviética para ajudar a defesa da revolução espanhola, ao passo que eles levantavam a opinião pública e recolhiam donativos.

Apesar de possuir o governo de Madrid reservas de ouro no Banco de Espanha, no montante de 700.000.000 de dólares, falharam os esforços da República Espanhola para comprar armamentos na casa Vickers da Inglaterra, na fábrica Skoda da Tchecoslováquia, na Schneider de França e inclusive dos produtores mais importantes de munições da Alemanha, por causa da não-intervenção.

Essa era a situação internacional a que meus agentes secretos volviam olhos avisadores e de que me enviavam, à Haia, informações em profusão constante, que eu retransmitia urgentemente a Moscou. A tudo isso permanencia Stálin calado.

Em fins de agosto e com per-

missão de Moscou, três altos empregados da República Espanhola chegavam secretamente a Odessa para adquirir material bélico soviético oferecendo em troca somas enormes de ouro espanhol. Em vez de permitir-lhes chegar a Moscou, foram caladamente retidos em um hotel de Odessa.

Numa quinta-feira, 28 de agosto de 1936, assinou Stálin um decreto segundo o qual proibia o Comissariado de Relações Exteriores «a exportação, reexportação ou trânsito para a Espanha de toda espécie de armamentos, munições, material de guerra, aeroplanos e navios de guerra».

Esse decreto foi publicado e emitido pelo rádio para conhecimento de todo o mundo, na próxima segunda-feira. Esse decreto oficial do soviético estava em harmonia com a política de não-intervenção de Léon Blum. Levantou severas críticas de todos os grupos do ocidente europeu e da América onde o Comintern procurava, a toda pressa, criar um

ambiente de simpatia em favor da desesperada República Espanhola.

Entretanto, Stálin convocou o Politbureau para uma sessão extraordinária.

O Bureau político é a suprema autoridade do partido e, portanto, do governo soviético. Contra as decisões do Politbureau não há apelação possível. Têm força de ordem militar dada em campo de batalha.

Nessa sessão do Politbureau, Stálin manifestou-se por uma ação imediata na Espanha. Naqueles momentos, primeiros dias de setembro de 1936, havia formado governo em Madrid a Frente Popular Espanhola. Com o intenso auxílio do Comintern Largo Caballero formara um governo de coalizão no qual entraram dois membros comunistas figurando ele como Presidente do Conselho e Ministro da Guerra. Largo Caballero era um dos chefes socialistas. Como Léon Blum era partidário da cooperação com o Soviet.

Stálin argumentava que a velha Espanha desaparecera e a

nova Espanha não podia subsistir por si mesma; ou aliar-se-ia à Itália e Alemanha ou aos adversários dessas duas potências. Stálin disse que nem França nem Inglaterra poderiam permitir que a Espanha que domina a entrada do Mediterrâneo ficasse à mercê de Roma e Berlim.

Para Paris e Londres era a amizade da Espanha assunto de primordial importância. Stálin era de opinião que se podia criar na Espanha um regime regrado por Moscou. Com a Espanha no bolso, poderia realizar uma aliança permanente com França e Inglaterra. Ao mesmo tempo, sua intervenção reavivaria a fé dos partidários do Soviet no estrangeiro, os quais haviam sofrido rude golpe com a depuração da velha guarda bolchevique.

Quanto aos 700.000.000 de dólares de ouro acumulados na Espanha, o governo de Largo Caballero estava disposto a convertê-lo em material de guerra. A quantidade de ouro que se podia transferir à Rússia em pagamento das munições entregues à Espanha constituía um problema por estudar sem demora, visto haver o governo soviético aderido oficialmente à política de não-intervenção estrita.

(Continua no próximo número)

Para a Anarquia só se pode ir por caminhos anárquicos

E. LA TELARO

Por um Sindicato Revolucionário

CONSEQUENCIAS DE UMA FALSA EDUCAÇÃO SINDICAL

Um dos problemas de maior importância sindical constitui a educação individual e coletiva dos trabalhadores organizados. Dela depende não só o futuro dos organismos sindicais, mas também o das condições sociais da classe trabalhadora. O momento que vivemos nos brinda com uma oportunidade para cotejar a educação sindical dos trabalhadores brasileiros, se é que por educação sindical se pode considerar o que procuram inculcar no cérebro dos trabalhadores organizados nos quadros sindicais do país.

Depois de 15 anos de ditadura fascista, durante cujo período as organizações sindicais foram moldadas para servirem ao interesse do estado e do seu amo (Getúlio), sobreveio o curto período democratizante, no qual os sindicatos poderiam ter recuperado, pelo menos em parte, sua personalidade como organismos defensores dos postulados da emancipação social; infelizmente, uma das correntes ideológicas que maior influência tem dentro dos sindicatos é dirigida pelo Partido Comunista, cuja educação autoritária de seus membros os transforma em autômatos incapazes de analisar toda e qualquer iniciativa que não emane de seus chefes, e, como estes só desejam a ditadura, o único que se poderia esperar deles é o que na realidade ordenaram: apoderarem-se da direção dos organismos sindicais, para transformá-los em organismos defensores das ordens de Prestes. O primeiro golpe neste sentido deram os representantes do partido comunista, durante a assembleia constituinte, em que defenderam com todas as suas forças o "Sindicato Único", começando por impor a — Ditadura ao proletariado, — impossibilitando os trabalhadores de organizarem-se livremente.

Carecendo de educação sindical, a classe trabalhadora do país não pôde compreender o golpe tremendo que lhe infligiam quando, na referida assembleia, proibiam a pluralidade sindical, criando mesmo que a forma mais fácil para lograr sua emancipação, consiste em organizar esses mastodônticos sindicatos, arregimentados pela força, moldados dentro de uma — falsa unidade — onde só os chefes iluminados são os que sabem o que se deve fazer, e a "massa" só

deve obedecer. O resultado temos aí! Dutra decreta a "dissolução" e "intervenção" nos organismos sindicais que escaparam de uma ou de outra maneira às esferas governamentais e estes, como os carneiros de Panurgo, se submetem e nem uma voz de protesto, nem um gesto de defesa. Outra fôsse a orientação, outra a educação e estamos certos de que os trabalhadores estariam lutando a esta hora por uma independência contra a "intervenção" que é a Ditadura, que é Fascismo, contra os quais, os organismos sindicais do país se encontram impotentes. Sua importância deriva da errônea educação autoritária e da falsa unidade sindical.

A unidade e a força das organizações sindicais não se conseguem com se impor tal ou qual forma de organização, mas sim, com a liberdade de organização, com pluralidade sindical, onde cada trabalhador eleja, livremente, uma forma de organização que lhe pareça mais de acordo com sua interpretação presente e futura da sociedade.

Cabendo aos sindicatos conquistar o maior número possível de operários para se fortalecer como organização de resistência e de luta, da sinceridade, da dedicação, da fiel observação de uma sã orientação, depende o maior número de prosé-

LIVROS NOSSOS

Rodolf Rocker — AS IDÉIAS ABSOLUTISTAS NO SOCIALISMO Cr\$ 15,00

acaba de sair em tradução portuguesa. Coleção: *Perspectivas das Edições Sagitário*

Pedidos a *Ação Direta*. Buenos Aires 147 A 2.º Rio de Janeiro ou ao *Centro de Estudos Sociais* de S. Paulo. Caixa postal 5739.

litos, a força a unidade sindical. Porém, essa liberdade de organização não a deseja nenhuma corrente autoritária e menos ainda o partido comunista.

O que não viram ou não quiseram ver, quando combatiam a pluralidade sindical, é que estavam cavando sua própria sepultura e, o que é pior, estavam militando nas fileiras dos reacionários, construindo uma *barricada* contra os que na realidade lutam pela emancipação do proletariado. A forma de organização imposta aos trabalhadores só poderia dar

os resultados a que estamos assistindo. Impossibilitados de organizarem-se livremente, perdem estes o interesse pela organização a que são obrigados a submeter-se. E a *unidade*, que, segundo os bolchevistas, daria *força* suficiente para impedir qualquer gesto reacionário dos defensores do sistema burguês, ressentiu-se seriamente. E os sindicatos, desnutridos da livre afluência dos trabalhadores, outra coisa não poderiam fazer que submeter-se sem ao menos fazer ouvir sua voz de protesto.

Cabe, porém, ao proletariado aprender a lição e procurar recuperar a liberdade, a independência sindical, para, num futuro próximo, enfrentar a todos os que pensam acorrentar-nos ao carro do — Estado, — tenha esta a forma que tiver, pois, enquanto subsistir tão monstruosa organização, a humanidade estará sempre submetida a uma minoria de tiranos.

Quetzal

Os de lá como os de cá

1 — O periódico *Non Mollare*, italiano, resume assim o currículo do chefe comunista Palmiro Togliatti:

«Na primavera de 1944, mal chegava da Rússia à Itália, provocava a ruptura do acôrdo de não colaboração com o rei fascista, acôrdo feito pelos partidos do C. L. N. no congresso de Bari. Dê-se modo pôde a monarquia agonizante tomar fôlego, reorganizar as próprias forças, quase fazer perder à nascente democracia italiana a batalha republicana. Em 1945, por ocasião da crise Parri, concordava em que, subindo Gásperi ao poder, as forças da resistência e do antifascismo sofressem sua grande derrota e iniciasse aquela política de colaboração com a democracia cristã que não é a última responsável pela inépcia dos ministérios tripartidos que vieram desgovernando a Itália e arremessando à catástrofe financeira e moral. Em 1946, Togliatti, com a anistia patrocinada por ele, abria a porta ao confucionismo e abre a porta ao predomínio clerical. A justificação têm sido sempre a mesma. O partido comunista quer a pacificação; não quer assumir a responsabilidade de uma ruptura, prefere ceder a Vitor Manuel, aos clericais, aos reacionários, aos fascistas.»

E só comparar com o de cá.

2 — Em março dêste ano, na Itália, eram comunistas o ministro dos Trabalhos Públicos e o dos Transportes.

Ora, com data de 18 de março, lemos, publicados pela *Associação Cristã dos Trabalhadores Italianos* da Província de Roma, núcleo do Ministério dos Trabalhos, o seguinte convite: «O honrado Ministro aderiu às propostas formuladas pela A. C. L. I. de realizar nos dias 24, 25 e 26, um curso de conferências puramente religiosas, feito por um padre, como preparo à Santa Páscoa. Neste ministério foi designado o padre jesuíta De Marco da *Civiltà Cattolica* o qual aceitou o convite e fará suas práticas nesses dias, às 9 horas na sala da mesa dêste mesmo Ministério». Segue um aviso de missa na igreja de *Santa Maria degli Angeli*.

Outra publicação é um cartaz bem grande de convite, no ministério dos Transportes, em Villa Patrizi e diz assim:

«Exercícios espirituais para os ferroviários, como preparo para a Santa Páscoa. Nos dias 24, 25 e 26 de março na *Sala della Mensa* dos sinistrados (em Villa Patrizi), das 9 às 9,30, haverá conferências do Rev. padre jesuíta Robotti. Todos os ferroviários são cordialmente convidados.»

E' assim que procedem os chefes comunistas: levando pontapé da Igreja e beijando-lhes os pés. A vontade, já que não coram!

Café Filho, Patrono da Nova Polícia Especial

SERAPHIM PÔRTO

«Unidade» em seu número de maio, logo em seguida à reportagem — «A História da Polícia Especial» — traz a opinião de alguns parlamentares sobre o fechamento daquela instituição.

A do deputado Café Filho é de estarrecer! Acha que a Polícia Especial pode ainda prestar excelentes serviços à população carioca. Basta para isso, diz ele afastar dela «os seus elementos maus, perniciosos àquela corporação e ao povo». E' dos que não confundem, afirma, «atitudes de elementos de uma corporação com essa mesma corporação». E mais adiante não cora de acrescentar: «isto, porém, não significa que tenhamos de extinguir uma instituição porque os seus membros não cumprem com o seu dever».

Quanta ingenuidade ou má fé! Atribuir a responsabilidade dos desmandos ou dos crimes aos soldados da Polícia Especial e inocular a instituição, quando todos sabemos que ela foi criada para cumprir, justamente, a missão que vem cumprindo!

A responsabilidade de tantas atrocidades e de tantos atos de covardia, e dos mais repelentes, perpetrados por aqueles homens é da instituição, pela própria natureza dela.

Se se têm de responsabilizar homens, não são soldados que se devem apontar. Apontem-se os homens do Governo que a criaram e os homens da sua direção, porque estes sim, bem sabem o papel que estavam desempenhando.

E, para provar que a responsabilidade está com a instituição basta lembrar o fato de, na última fase do queremismo, terem sido os seus soldados recebidos a palmas, por exemplo, pelos comu-

nistas, em frente ao Órgão Nacional do P. C. B. quando, havendo alguns dêstes sido agredidos por ocasião de uma passeata, aqueles foram mandados para proteger os mesmos que tantas vezes já haviam espancado. E' que os interesses dos governantes no momento eram outros e, portanto, outras tinham de ser as ordens e consequentemente o procedimento simpático dos mantenedores da ordem.

Se se pode afirmar que a instituição foi criada para tal fim, o mesmo não se pode dizer da consciência do papel que iam representar nessa cena de horrores, covardias e baixezas, os soldados que para ela primeiro entraram.

Foram recrutados entre atletas e seus preparadores, entre jogadores de futebol, e moços de praia. Seduzia-os bom ordenado, prática de esporte, bom passadio, vida folgada e a muito: «capa dos covardes — a farda ou qualquer cousa que os possa pôr a salvo da responsabilidade dos seus abusos. Muitos eram estudantes. Uns seguiram estudos, pois estavam agora em melhores condições financeiras, outros não. Dentre os estudantes, podemos afirmar que alguns eram bons rapazes e não entrariam se tivessem percebido o papel infame de algozes que iam representar.

Só com o desenrolar dos acontecimentos é que muitos dos policiais, entre os mais inteligentes, foram percebendo. Dentre eles citaremos dois tipos diametralmente opostos. Um turbulento e valentão, outro, estudante de medicina, distintíssimo e pacato. O primeiro, quando percebeu o papel que vinha fazendo, pôz-se a falar sem reservas dentro do próprio

quartel da P. E.: «Vocês não percebem; nós estamos fazendo o papel de cães de fila». Acabou desligando-se. O segundo, tendo visto consumir-se pelo monitor Galvão, o que para ele lhe parecia simples ameaça afim de conseguir confissão, tão horrorizado ficou, que só descansou quando se viu livre daquela instituição.

Outros saíram. Muitíssimos ficaram. Era mais fácil e menos problemático continuar que vir cá para fora tentar nova vida. Eram indivíduos vencidos pela própria educação que receberam, eram inconscientes como o são o geral dos soldados. Quem o diz não somos nós. Quem o disse foi um dos fundadores do militarismo prussiano, Frederico II.: «Se os meus soldados pensassem um pouco, no dia seguinte, não haveria um só em minhas fileiras!»

E essa consciência quantas vezes só é despertada em momentos derradeiros! E' o caso do colega do Galvão que o matou no pátio do próprio quartel. «Prêso, foi levado como muitos daqueles filhos do povo que tanto espancaram, para a Delegacia de Ordem Social. Só aí teria pensado o quanto errara ajudando a sustentar aquele regime de tirania. Era tarde. Sabia o que o aguardava. Atirou-se ao pátio da Polícia Central e espantou-se.

Pobres irresponsáveis! Tanto mais quanto agora têm de arcar com a responsabilidade dos crimes mandados praticar por um Governo em nome da ordem, pela segurança de um regime, enquanto os verdadeiros responsáveis são até poupados por um deputado da «democracia».

Sr. Café Filho, inconscientes

(Continua na 4ª pag.)

Empunhando o facão

O grupo uruguaio Amigos de Reconstruir pede-nos à publicação do seguinte manifesto publicado em Montevideu, em abril p. p.

ATENÇÃO! TRABALHADORES!

O partido que acompanha o primeiro mandatário da República está com a mão no cutelo, pronto a desembainhá-lo para descarregar nos trabalhadores que desejam solucionar seus conflitos com suas idéias, sem intromissão de pessoas estranhas. Os Sindicatos que praticam a *ação direta* querem que só patrões e obreiros liquidem suas pendências sem intervenções de terceiros, em trato direto ou diretas propostas. O sindicalismo praticado pelos trabalhadores que compreendem o problema desta sociedade capitalista sabem que meter-se a conversar como gente alheia a seus grêmios e labores os leva à perdição, pois a luta pelo melhoramento do homem se faz com seu esforço próprio. O sindicalismo que pratica a *ação direta* conta com homens de suficiente capacidade para explicarem o porque há pobres e ricos, exploradores e explorados. Sabem muito bem que, enquanto não desaparecer a exploração do homem pelo homem, o problema econômico será uma tirania para os trabalhadores e que as soluções dadas aos conflitos à margem dessa atitude procedem como calmantes: calmam mas não curam.

O partido que queria governar a República para fazer a felicidade de todos está quase a puxar o facalhão, porque nos verdadeiros sindicatos há idéias, valores morais, homens que não são seus. Assim procedeu B. Mussolini e o outro. O primeiro morreu virado; o outro, ninguém sabe como; esse, porém, é o fim de todos, o da Bolívia, por exemplo.

Assim como não se pode legislar ou regulamentar o uso da liberdade, pois isso é o caminho para o fascismo, também não se pode decretar como devem atuar os sindicatos obreiros, pois cercear-lhe a liberdade de reunião, de expressão de defesa dos seus interesses segundo suas convicções e raciocínios é preparar o advento da reação e da tirania.

Deve, pois, haver ampla e total liberdade, mormente em se tratando do movimento operário pois quantos têm querido avassalar a liberdade ou os Sindicatos, têm sucumbido vítimas de seus próprios erros.

Escreve certa imprensa que *esses sindicatos subvertem a ordem*. Quem subverte a ordem são os donos de todo um Departamento. Os que subvertem a

ordem são os que vivem da exploração dos outros homens. Os que subvertem a ordem são os que escandalizaram as últimas eleições e, no entanto, quase galgaram o governo. Os que subvertem a ordem são os tuberculosos e os sífilíticos acusando uma sociedade incapaz de curar se graças ao seu regime de exploração. Os que subvertem a ordem são os estancieiros que não levam carne às feiras porque não lhes rendem quanto querem. Os que subvertem a ordem são os que fizeram e fazem fabulosas fortunas a expensas da miséria dos demais. Os que subvertem a ordem são os que querem massa obediente, submissa, rebanho, como na Rússia, Itália, Alemanha, Japão, etc., onde os de cima pensam pelos de baixo. Subvertem a ordem os que querem impor, pela força, a militarização. Subvertem a ordem os que dizem: aos operários demos isto e aquilo, como se fôra deles a riqueza social e a classe obreira escrava e mendiga, o maior absurdo desta hora.

Se não pusermos freio a isso, perderemos o melhor, o mais nobre, o mais sublime do ser humano: pensar por si mesmo entendendo-se com seus semelhantes, úrica forma de fazer que renasça o

CAFÉ FILHO...

(Continuação da 3ª pag.)

como são, cumprem as ordens que lhes são dadas.

Sr. Café Filho, atirar a responsabilidade para os soldados, é pretender encobrir ao povo os responsáveis pelos crimes por eles praticados! E' reconstituir a fábula do lobo e do cordeiro!

Ou é uma questão de solidariedade, uma vez que agora também é lobo!

Se fôsse realmente um representante do povo, deveria constantemente estar lembrando à nação, que continuam impunes os autores de tantos crimes! E insistir em que deveriam ser punidos, não por eles, porque não haverá o que os faça expiar os crimes praticados, mais para que outros sentindo-se seguros da impunidade, não venham imitá-los.

No tocante à ígnea proposição de expurgar a Polícia Especial, dos seus maus elementos, permita que lhe diga, bons ou maus cumprirão as ordens do Governo do qual V. Excia. é parte e são partes também os mais destacados responsáveis pelos crimes que se vêm praticando contra a liberdade, desde os negros dias da Clevelândia até os negros dias em que tudo falta ao povo, porque os magnatas prendem, deixam apodrecer ou queimam, para imporem numa espécie de «a bolsa ou a vida», os preços que bem entendem, ufanando-se dos Governos, rindo-se do povo!

homem livre para viver livremente.

Alerta! Trabalhadores!

Encontre o facão, se sair da bainha, unidos mais que nunca, os Sindicatos de Ação Direta e, se fecharem as organizações obreiras seja cada um um Sindicato. Ninguém deve acudir ao trabalho se funcionar o facão. Os conflitos devem ser solucionados pelos trabalhadores, não por outros

Amigos de Reconstruir

Solidariedade aos que lutam e sofrem

AÇÃO DIRETA recebeu da **Confederación Regional Galaica** este lancinante apêlo

Companheiros! Saudações!

Motiva a presente o dever iniludível de prestar e angariar auxílio para os companheiros que, por vales e montanhas da Galícia e de toda a Espanha, suportam titânica, porém desigual luta contra o regime de opróbrio e tirania que subjuga o heróico povo espanhol.

Prestamos e angariamos também auxílio para os companheiros que, em consequência das vicissitudes passadas durante a guerra e no exílio, se acham prostrados em leitos de dor, em diversos Sanatórios e Hospitais de França.

Jamais regateamos nossa ajuda moral e material aos que hoje se acham impossibilitados de ganhar o sustento diário, mas, muito a pesar nosso, nossa ajuda é mínima porque maiores são as necessidades que nossas possibilidades. Por isso, recorremos aos que se acham na América, para ver se, conjuntamente, poderemos fazer chegar aos companheiros que lutam e sofrem, nossa solidariedade em todos os sentidos.

Temos a certeza de não nos iludirmos e de vermos correspondido este apêlo. Vossos aqui ficamos e da causa libertária

NOTA. Ação Direta faz suas as palavras deste apêlo e clama a todos os sinceros anarquistas que nos enviem o mais brevemente possível, e continuamente, qualquer auxílio nesse sentido.

Anunciaremos as contribuições enviadas.

Fatos do paraíso soviético

(Continuação da 2ª pag.)

mente, os stakanovistas que ultrapassavam suas quotas de produção eram maltratados: não recebiam o segundo prato quente a que tinham direito, às refeições... «Mais da metade das rações destinadas à alimentação suplementar dos mineiros permanece no escritório das minas».

Em conclusão, diz o correspondente, «pouco invejável papel» foi o desempenhado pela Junta Central da Indústria de Extração do Carvão e o do seu Comitê Distrital de Shakhty. O inquérito sobre condições dos mineiros foi lento e «o Comissário do Distrito não tomou medida alguma para sanar o vergonhoso estado de cousas e punir os culpados.»

2. — do Trud de 23 de agosto de 1946.

O diário examina os resultados da indústria de construções relativamente ao Plano Quinquenal, revelando um conjunto de fatos muito desagradáveis e assinalando a necessidade «de não perder de vista as deficiências do trabalho nas organizações de construções». Os construtores de prédios para indústria pesadas alcançaram apenas 40% da quota marcada para os primeiros seis meses, e as condições são ainda piores para os prédios das demais indústrias. Aponta o jornal que os altos fornos e as centrais elétricas e outras indústrias menores em parte alguma foram repostas em função. Acentua, porém, que, não obstante isso, «o Ministério das Usinas Elétricas não realiza seus planos de acionamento de novas centrais» e cita o alto forno de Azevstal, a Bateria 2 das Oficinas Químicas de Mariupol e o Laminatório H nº 300 de Uzbesk como exemplos de projetos não efetuados em tempo.

Também a construção de casas «continua atrasada». Durante o segundo trimestre de 1946, realizaram-se apenas 66% do Plano de Construção de Casas do Ministério de Construção das Usinas Industriais Pesadas. No mesmo período, ao passo que o Plano assegurava às empresas da indústria metalúrgica do ferro 148.000 m.2 de espaço de habitação, só 99.500 m.2 foram reservados. «E a situação de fato ainda pior é nos lugares em que estão as oficinas automobilísticas Dnieper e os Laminatórios de aço de Zaporozhye» (ambas na Ucrânia), onde «homens e máquinas estão parados... dada a ruim direção».

O correspondente do jornal refere mais, sobre uma grande fábrica de casas prefabricadas, de Stalingrad, que uma casa destinada a um regressado de guerra do Exército Vermelho «estava em tal estado de acabamento, que ele teve de espanar e pintar os tetos, arranjar uma divisão em falta no corredor, construir as persianas e fazer outros trabalhos num montante acima de 2.000 rublos». Outra casa prefabricada, recentemente enviada, tinha «a frontada em pedaço» enquanto em outras «as lareiras eram tão mal construídas, que não aqueciam e as janelas tão mal feitas, que a chuva alagava os quartos».

E as casas de tijolos são pouco melhores, diz o correspondente falando de uma casa que ti-

rara o prêmio Stálin, salienta que «de fora parece bela; mas, só o entrar nela esvanece todo vestígio da primeira impressão. As paredes estão fendidas. O rebóco está descascando. As janelas não fecham. A lareira fumega. E a falta de gosto das decorações é impressionante».

Entende-se, assim, que haja a Tcharkashov, Presidente da Comissão de Habitações da Junta Sindical das Aceiras Outubro Vermelho, declarado francamente que «o Trust não entregou uma só casa prefabricada bem feita». (O Trust aqui visado é o Trust nº 1 do Ministério de Construções de Usinas Industriais Pesadas).

Os supramencionados fatos hauriram-se em Trud, quotidiano da Central Sindical Soviética (segundo citações feitas por Drew Middleton, no NY Times, em vários números do mês de agosto). Confirmam eles que, mau grado a abundância de Ministérios e Ministros (há na Rússia cerca de 40 ministérios!), mau grado a demasia de Comissões e Comissários, mau grado a facilidade de trabalho, assegurada a todos esses senhores pela situação de forçada obediência em que são mantidos os trabalhadores, apesar de tudo, o trabalho se processa na Rússia de modo intolerável para os homens e com baixíssimo grau de eficiência.

Não se quer dizer com isso que tudo ande assim. Poder-se-iam citar, é claro, as cifras das construções completadas, dos melhoramentos feitos, etc. Poder-se-ia como conclusivo comentário, repetir (segundo o Pravda, de 23 de agosto) os dados da extensa depuração, feita pelas Autoridades Soviéticas Superiores, entre os funcionários do Partido Comunista na Ucrânia e justificada como necessária exatamente para eliminar os erros e desperdiços apurados.

Basta, porém, assentar a situação real que transluz dessas notícias fragmentárias. Imensurável rede burocrática de Ministérios, Comissões, Planos, Trusts, de nomes e funções cada vez mais complicados, pretende conseguir reger, de cima, toda a vida social; mas, ao invés, falha miseravelmente ao seu escopo. Em regime capitalista, ao menos, quem não realiza com eficiência bastante é punido pelo mercado que lhe recusa os produtos por caros ou malacabados. Quem se excede no explorar os operários acha, como força contrariante, aquele mínimo de possibilidade de ação que as leis burguesas concedem até aos trabalhadores: o direito de greve, o direito de mudar de local e trabalho. No paraíso bolchevista, entretanto, nada: o trabalhador é inteiramente confiado, como o escravo antigo, ao paternalismo dos seus patrões. Estes permitem por vezes, escrever cartas de protesto; fazem, por vezes, inquéritos formalísticos em que denunciavam abusos, mas deixam sempre às Superiores Autoridades do Regime a decisão das intervenções e a determinação das medidas.

Há, também, certas grandes operações cirúrgicas, as depurações, com as quais, na Rússia, como sucedia outrora na Itália e na Alemanha, com as trocas de guarda, se rasga um bubão purulento, tornado insuportável. Mas o bubão não é mais que um efeito da doença, a qual é mais profunda e reproduzirá o bubão enquanto não se eliminar a causa radical: a falta de liberdade,

Propaguem

Ação Direta